

**Primeira Médica Veterinária,  
empossada na Academia Fluminense de Letras**  
**DEILA MARIA FERREIRA SCHARRA.**



Aristeu Pessanha Gonçalves - Presidente AMVERJ; Phyllis Catharina Romijn - Vice-presidente da AMVERJ; Deila Maria Ferreira Scharra- Médica Veterinária Acadêmica da AFL; Waldenir de Bragança- Presidente da AFL; Deoclécio Bezerra Brito - Acadêmico AMVERJ; Rogério Alvares- Secretário AMVERJ; Cléo Carneiro Baeta Neves - Membro do Conselho Fiscal AMVERJ; Marcio Figueiredo - Professor UFF e Newton da Cruz Rocha- Membro do Conselho Fiscal AMVERJ.

**Discurso de posse da recém-empossada Acadêmica**  
**Med. Vet. Deila Maria Ferreira Scharra:**

*Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Fluminense de Letras, Dr. Waldenir de Bragança, demais Acadêmicos e Convidados aqui presentes.*

É uma honra ser convidada para integrar a Academia Fluminense de Letras, da qual fazem parte escritores renomados e respeitados dentro da nossa sociedade. Compreendo a responsabilidade do cargo que vou ocupar na classe das artes e estejam certos que muito me empenharei para justificar a confiança que depositaram no meu trabalho no campo da música.

Neste momento, volto no tempo para encontrar a resposta para uma pergunta que sempre é feita quando as pessoas sabem que sou uma Médica Veterinária que trabalhou 37 anos na sua profissão e que também é musicista. A pergunta é *a seguinte: o que é que a música tem a ver com a Medicina Veterinária?*

Tudo começou quando eu tinha 12 anos de idade e ganhei um canarinho belga que foi meu primeiro animal de estimação. Seu nome era “Guingo”. Eu estudava acordeão e Guingo ficava na sua gaiola, apenas piando e prestando atenção a tudo que se passava ao seu redor. Porém, quando eu tocava uma música chamada “Mr. Sandman”, Guingo cantava com toda a força dos seus

pulmões e parecia querer competir com o som do instrumento. Ficava mais alegre, animado e pulava satisfeito de um poleiro para o outro. E isso só acontecia com essa música... Porque seria?

Hoje, após tantos anos, os pesquisadores vão se aproximando da resposta para aquela pergunta. Já vem caindo por terra a ideia de que só os humanos são capazes de apreciar melodias. Pesquisadores vêm descobrindo que **as aves** são capazes de identificar algumas músicas, e que **cães** se sentem bem ao ouvir cantigas de ninar, acalantos que os fazem relaxar. Experimentos comprovaram que em **bovinos** houve aumento da produção leiteira quando a ordenha foi acompanhada de música, e **camundongos** tiveram sua atividade motora beneficiada durante a natação, quando foram submetidos a 24 horas de música clássica. Ouvir Mozart propiciou melhor performance ao nado desses animais.

Estudos já revelaram que os animais têm uma criatividade musical própria. E não só os pássaros são capazes de montar frases melódicas, mas as baleias Jubarte e as focas também o fazem, com temas simples, porém variados.

A música está presente até mesmo no ritmo do caminhar dos animais. Podemos, por exemplo, perceber na andadura do cavalo o compasso binário; o compasso quaternário, **no trote**; e o compasso ternário no **galope curto**. Quem é que não se lembra dos filmes onde apareciam no picadeiro do circo, bailarinas dançando no dorso (lombo) dos cavalos, ao som das Valsas Vienenses de Strauss?

Podemos, sem dúvida, afirmar que a música está efetivamente ocupando um espaço na área da saúde. Hoje, já existe, por exemplo, em São Paulo, uma orquestra que leva música para dentro do hospital. E como não falar da musicoterapia usada a amenizar o sofrimento dos doentes internados? E os berçários que têm música ambiente para tranquilizar os bebês?

Em 2007, um musico-terapeuta publicou sua monografia sobre o efeito da musicoterapia no tratamento de cães com depressão. E outras experiências vêm sendo realizadas na área da medicina veterinária, como, por exemplo, o apoio da música durante o tratamento quimioterápico de um tumor em uma cachorrinha de apenas dois anos de idade, com resultado surpreendente!

Diante do que foi visto até aqui, podemos entender que está ocorrendo uma troca de saberes que os pesquisadores denominaram de **transdisciplinaridade**. Há o respeito de um saber para com o outro. Há um diálogo possível entre **a ciência e a arte** que pode ser entendido como um processo de unificação de conhecimentos onde os saberes se respeitam.

Vejo a música como a arte que traz consigo a ciência exata expressa na sua estrutura rítmica; do outro lado, a anatomia, a fisiologia e a histologia deixam entrever o corpo, que é também um instrumento musical capaz de fazer arte, de **criar arte**. E quando a criação artística e a criação científica se tornam igualmente importantes. Por isso, hoje tenho a resposta para a pergunta que vem sendo feita ao longo desses anos todos: **o que é que a Medicina Veterinária tem a ver com a música?**

Eu respondo: elas são idênticas na transdisciplinaridade. São saberes que se articulam capazes de se integrar e unificar. Como disse **Akiko Santos**, pesquisadora: ***nenhum saber é mais importante que o outro!***

Eu sou Médica Veterinária e eu sou também musicista. Agradeço aos Acadêmicos o convite para fazer parte da Academia Fluminense de Letras na classe das belas artes. Agradeço também aos colegas Médicos Veterinários aqui presentes, aos Coralistas e Amigos que tornaram nossa festa mais bonita!

*Postado pela AMVERJ – Academia de Medicina Veterinária no Estado do Rio de Janeiro -28-05-2013 às 11 horas e 07 minutos.*